



EM FAVOR DE RAÍZES SEM DIACRÍTICOS

CLAUDIA SOUZA COELHO* | PAULO ÂNGELO ARAÚJO-ADRIANO**

RESUMO

Muitos autores assumem e até propõem que raízes possuem diacríticos para lidar com certas informações gramaticais dependentes das raízes, como classe e gênero (cf. EMBICK; HALLE, 2005; OLTRA-MASSUET, 1999; HARRIS, 1999; ALCÂNTARA, 2010; BASSANI; LUNGUINHO, 2011; entre outros). Entretanto, mesmo com o sistema computacional operando sobre raízes sem diacríticos, os fenômenos que motivam a existência dessas marcações (cf. autores acima) podem ser derivados, como será exemplificado com a marcação de gênero e classe neste squib, marcações comumente estudadas. Em vista disso, nosso objetivo é defender a adiacriticidade das raízes, a partir de fenômenos já explorados na literatura. Para tanto, trazemos algumas evidências que sugerem que raízes não possuem traço de classe, a partir de Acquaviva (2009), e outras evidências relacionadas a gênero, trabalhadas em Resende e Santana (2019). Todas parecem sugerir que introjetar diacríticos nas raízes não só cria um problema teórico como também coloca em xeque a eficiência computacional.

Palavras-chave: diacrítico de raízes, diacrítico de classe, diacrítico de gênero, raízes sem diacrítico

ABSTRACT

Many authors assume and even propose that roots have diacritics to deal with particular representation dependent upon the roots, such as class and gender (cf. EMBICK; HALLE, 2005; OLTRA-MASSUET, 1999; HARRIS, 1999; ALCÂNTARA, 2010; BASSANI; LUNGUINHO, 2011; entre outros). However, even with a computational system operating on roots without diacritics, the phenomena that motivate the existence of those marks (cf. Authors cited above) could be derived, as will be exemplified with the gender and class mark in this squib, marks commonly studied. With that goal, we aim to defend the non-diacritic approach of roots with the phenomena already investigated in the literature. To do that, we bring some evidence suggesting roots do not have class features, as in Acquaviva (2009), and other evidence related to gender, investigated in Resende and Santana (2019). All of them seem to suggest that introjecting diacritics into the roots raises a theoretical problem and puts at stake the computational efficiency.

Keywords: root diacritics, class diacritics, gender diacritics, roots without diacritics

* Universidade de São Paulo, USP. *E-mail:* claudia.coelho@usp.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPESP, Processo 2020/05241-0.

** Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. *E-mail:* pauloangeloaa@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPESP, Processo 2019/17443-9.

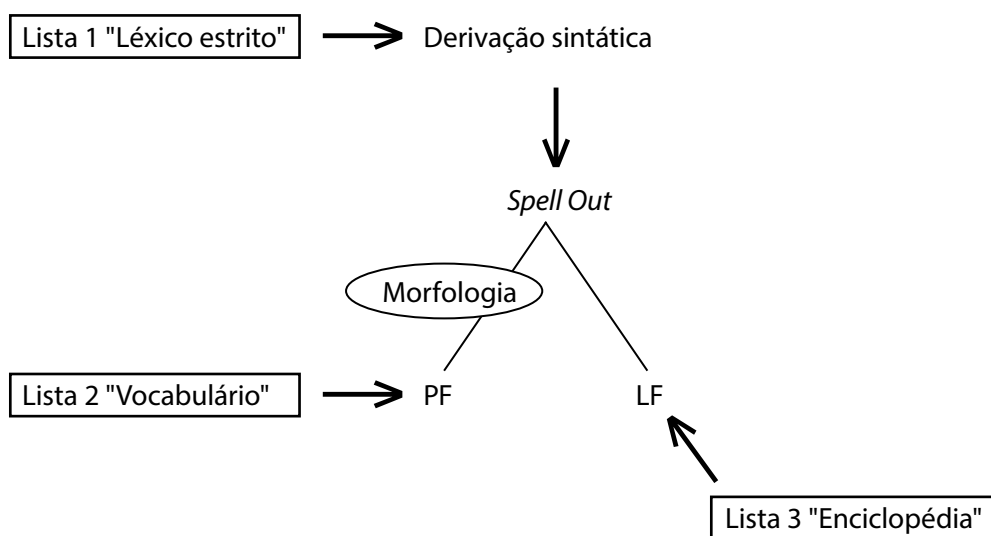
Este trabalho foi concebido no bojo do curso de Morfossintaxe: Morfologia Distribuída oferecido por Ana Scher e Maurício Resende na Universidade de São Paulo (2020). Agradecemos a ambos pelos comentários em versões primárias deste texto e aos alunos do curso pelos apontamentos críticos. Também agradecemos aos pareceristas anônimos pela apreciação e sugestões a este squib.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de que o sistema computacional opera com itens providos de traços, propriedades abstratas, não é nova na Gramática Gerativa. Chomsky (1957), por exemplo, já propunha que o que explica a má formação semântica mas boa formação sintática de *colorless green ideas sleep furiously* ('ideias verdes incolores dormem furiosamente') seria justamente a postulação de que as palavras dessa sentença apresentam propriedades intrínsecas: cada uma é associada a um traço categorial (adjetivo, adjetivo, nome, verbo, advérbio, respectivamente) e, nessa sequência, respeitam a ordem esperada do inglês, a despeito da sua má formação semântica.

Dentro do quadro da Morfologia Distribuída (doravante MD), a palavra é gerada inteiramente pela sintaxe: um nome nada mais é que a Concatenação de uma raiz, "nua", acategorial a um categorizador *n*, um nominalizador; já um verbo é gerado quando Concatenar é estabelecido entre os objetos raiz e um verbalizador *v* – (*plant*, *n*) para *planta* e (*plant*, *v*) para *plantar*, respectivamente. Assim, quando enviadas as estruturas sintáticas acima para a interface PF (Forma Fonológica), o componente morfológico entra em ação, ativando operações condizentes às condições de boa formação morfológica das línguas, é o caso das operações de fusão, fissão, inserção de vogal temática, entre outros. Posteriormente, o conteúdo fonológico dos nós terminais nutridos pela sintaxe são inseridos – operação denominada de Inserção de Vocabulário. Adicionalmente, em LF (Forma Lógica), a partir de instruções contextuais, a estrutura gerada recebe conteúdo semântico.

(1) Arquitetura da Gramática



Uma diferença clara entre o modelo da MD em relação a um modelo lexicalista é, portanto, a maquinaria operante do sistema computacional: para o segundo, a operação é norteadada

pelas palavras, com conteúdo fonológico, semântico e morfológico. Já para o primeiro, abordagem que vamos perseguir aqui, os primitivos do sistema computacional são as raízes, carentes de traços gramaticais, semântica e fonologia. É sobre a emergência de um primitivo acategorial, sem informação prévia, que muitos trabalhos em morfologia se debruçaram nos últimos anos.

Em vias de justificar o título deste texto, assumimos que diacríticos são tudo que está intrinsecamente associado a essas raízes e desempenha influência morfológica. Na literatura, o termo costuma aparecer relacionado a classe (cf. SANTANA, 2019) e a gênero (cf. HARRIS, 1999; ALCÂNTARA, 2010). No fim deste texto, vamos mostrar que as raízes são adiacríticas, isto é, não apresentam nenhuma informação prévia, os diacríticos, relevante para o componente morfológico. Ou seja, tudo o que seria inerente à raiz e relevante para a morfologia é, em última instância, derivado pela sintaxe. Isso, no fundo, não tem nada de inovador, visto que a faculdade da linguagem projetada pela MD já é derivada pela sintaxe mesmo (como proposto por HALLE; MARANTZ, 1994). No melhor dos casos, tendo em vista a epistemologia da MD, raízes também não teriam traços, para o que ainda não se parece ter encontrado evidências substanciais. Em vias de cumprir com os objetivos deste *squib*, dividimo-lo em sete partes, incluindo esta seção introdutória: na próxima seção, são apresentadas algumas propostas em favor de traços de classe, para que, na seção três, apresentemos, ancorados na literatura, uma alternativa para a sua inexistência. Em seguida, trazemos, na seção quatro, trabalhos que defendem diacríticos para gênero e, na sequência, propostas que dispensam tal propriedade às raízes (quinta seção). Na sexta seção, exploramos a hipótese de uma raiz desprovida também de traços de seleção-categorial). Na última seção, apresentamos as considerações finais.

2 DIACRÍTICOS DE CLASSE

Investigando a estrutura verbal do catalão, Oltra-Massuet (1999) propõe uma hierarquia de marcação para a vogal temática do verbo. A primeira conjugação, altamente produtiva e hospedeira de novos verbos, seria a classe *default*, a menos especificada. Para que o sistema computacional decida qual vogal temática inserir nos outros contextos, na segunda e na terceira conjugação, as raízes carregariam combinações de traços com a instrução da vogal temática adequada. Assim, uma raiz apenas com o valor negativo para o traço α cairia na classe I, enquanto as outras classes seriam derivadas pela instrução dada pela conjugação de três traços, α , β e γ , como exposto a seguir (OLTRA-MASSUET, 1999, p. 21):

- | | | | |
|-----|----|-----------------|------------------------------|
| (2) | a. | Conjugação I | $[-\alpha]$ |
| | b. | Conjugação II | $[-\alpha, +\beta]$ |
| | c. | Conjugação IIIa | $[+\alpha, -\beta, -\gamma]$ |
| | d. | Conjugação IIIb | $[+\alpha, -\beta, +\gamma]$ |

46

Entendemos, à luz de Oltra-Massuet (1999), que os traços que funcionam como uma instrução para a Lista 2 inserir os corretos itens de Vocabulário nada mais são que diacríticos, uma

informação presente na raiz, sem impacto sintático-semântico, visto que a própria autora propõe haver uma regra de boa formação morfológica que insere, pós-sintaticamente, uma projeção temática para cada projeção funcional. Assim, o diacrítico de classe presente na raiz é copiado para a posição de tema, que realiza a vogal temática correspondente. Após o trabalho de Oltra-Massuet (1999), outras propostas como a de Harris (1999) também propuseram que a informação idiossincrática de classe verbal (e também nominal) seria codificada por um diacrítico (cf. ALCÂNTARA, 2010, para o português). Por outro lado, outros trabalhos, os quais discutimos no decorrer deste texto, demonstraram que, na realidade, os mesmos fenômenos são explicados sem a presença de diacríticos nas raízes.

3 A ADRIACRITICIDADE DE CLASSE

A postulação de diacríticos nas raízes cria problemas teóricos e empíricos. No plano da teoria, Acquaviva (2009) discute que a representação de diacríticos diretamente nas raízes faz com que esses primitivos não sejam realmente acategoriais, pois essa marcação é a representação das correlações observadas: se um nome, classe X, se um verbo, classe Y. Dessa forma, a raiz tem uma informação verbal ou nominal, o que não se conforma com a Hipótese de Decomposição Lexical¹, ou seja, se uma das maiores premissas da MD é que a formação da palavra ocorre por toda a derivação sintática, sendo as categorias da palavra (se nome, verbo ou adjetivo) dependentes da estrutura sintática, os diacríticos acabam negando tal pressuposto, transformando, às últimas consequências, raízes em itens lexicais.

Um problema empírico apontado por Acquaviva (2009) para essa postulação de diacríticos são os pares de raízes de mesma categoria — como os verbos do italiano *arrossare* ‘tornar vermelho’ e *arrossire* ‘ficar vermelho’ — mas que pertencem a diferentes classes de conjugação. Esses verbos partilham da mesma raiz com o adjetivo *rosso* ‘vermelho’, mas se assumirmos que existem diacríticos nas raízes, o fato de eles diferirem quanto à conjugação implica que ou temos uma “mesma base” marcada por um diacrítico de classe no caso de *arrossare*, por outro diacrítico de classe para *arrossire* e para *rosso* temos a marcação de adjetivo — o que, na verdade, é o mesmo que dizer que temos três raízes diferentes — ou temos raízes que são acidentalmente homófonas, mas sem relação entre si — algo difícil de dizer, dada a proximidade dos seus significados. Acquaviva (2009) argumenta, então, que se existe um núcleo invariante subjacente a esses três elementos — uma “mesma base” —, então esse núcleo é a raiz, uma raiz sem traços. Se a escolha dos diacríticos for uma parte integral da raiz, a identidade formal dessas três raízes distintas só pode ser tratada pela gramática como acidental.

Outro problema empírico para a marcação de diacríticos na raiz é o fenômeno de formas duplas de plural, em que um nome singular tem dois ou mais plurais alternantes com diacríticos distintos. Se gênero ou classe são partes constitutivas da raiz, então devem existir duas raízes homófonas nos casos em (3), uma que se realiza no singular e outra apenas no

¹ “[... Roots have no morphosyntactic category, no gender, and no form of class affiliation”] (HARRIS, 1996, p. 105, nota 15).

plural², dada a alternância entre -i e -a em (3a) e entre -ás e -yó em (3b), que realizam não só gênero mas também número. Tanto essa restrição de número, quanto a sobreposição semântica das raízes não têm uma expressão gramatical, sendo puramente um acidente. Por outro lado, se existe um núcleo invariante subjacente que não tem traços, a raiz dos elementos em (3) seria, de fato, esse núcleo, como no caso discutido em (2). Acquaviva (2009) toma essa segunda posição, pois essa seria a que se conforma com a Hipótese de Decomposição Lexical.

- (3) a. **Italiano**
osso 'bone', masc.sg. ossi 'bones' masc.pl. ossa 'bones' fem.pl.

(ACQUAVIVA, 2008 apud ACQUAVIVA, 2009)

- b. **Somali**
dáas 'shop', masc.sg. daas-ás 'shops', masc.pl. daas-yó 'shops' fem.pl.

(LECARME, 2002, p. 120 apud ACQUAVIVA, 2009)

Além desses problemas, Acquaviva observa que se as raízes possuem diacríticos, especialmente diacríticos de classe, como os de declinação e de conjugação, essa informação deveria estar presente/ser acessível durante a derivação sintática, entretanto, não a vemos participar de relações de concordância, por exemplo. Além disso, os núcleos que se concatenam às raízes não são sensíveis aos seus diacríticos: isso levaria a nominalizações restritas a raízes de segunda declinação, ou a adjetivos restritos a nomes com plural irregular. Suponhamos que existisse um nominalizador qualquer, *-bão*, por exemplo, que só se associasse a raízes da primeira conjugação, de forma que teríamos a nominalização *cantabão*, do verbo *cant-ar*, mas não as nominalizações *escrebão* (de *escrev-er*) e *partibão* (de *part-ir*). Esse tipo de restrição não parece ocorrer.³

Segundo Acquaviva (2009) e Resende e Santana (2019), discutimos duas soluções alternativas para a marcação de diacríticos: os diacríticos de classe estão nos expoentes das raízes, não nos nós em que essas raízes são inseridas; os diacríticos de gênero estão nos categorizadores, não nas raízes.

Acquaviva (2009) argumenta que fazer a distinção necessária entre os nós das raízes e os itens vocabulares de raiz permite tomar os diacríticos de classe (os de declinação e os de

2 Um parecerista anônimo indagou se pode haver alguma outra informação interveniente que defina a forma do morfema de plural, deixando a informação do diacrítico da raiz inativa. Acreditamos que esse possa ser o caso, por exemplo, de estruturas com mais de um categorizador, em que a informação do diacrítico da raiz é computada no domínio do primeiro categorizador e, caso haja um segundo categorizador, logo outro domínio cíclico, a informação do diacrítico da raiz, computada no primeiro ciclo, fica inativa para os próximos domínios. Investigações mais aprofundadas, entretanto, precisam ser conduzidas para verificar se esse seria o caso dos dados do italiano apresentados em (3).

3 Um parecerista anônimo nos apontou que o sufixo verbalizador *-iz* forma verbos da primeira conjugação e o sufixo *-ec* forma verbos de segunda conjugação. À primeira vista, esses dados tornam nossa argumentação mais complexa. Entretanto, assumimos que esses não são casos que envolvem diacríticos, mas traços substanciais que têm reflexos sintático-semânticos. Para uma discussão nesses termos, ver Resende (2020).

conjugação) como propriedade dos itens vocabulares, não dos nós terminais. Segundo o autor, após a inserção de Vocabulário, nenhum dos problemas apresentados acima ocorre se os diacríticos estiverem nas formas que realizam esses nós. Se esses traços pressupõem uma categoria, então o item de Vocabulário está restrito aos contextos que a definem. Uma das evidências apresentadas por Acquaviva (2009) em defesa dessa proposta é a insensibilidade dos diacríticos quanto à diferença entre elementos lexicais e gramaticais, exemplificada por dados do italiano: as classes nominais definidas pelas vogais finais /-o/ e /-i/ (masc. sg. / pl.) e /-a/ e /-e/ (fem. sg. / pl.) aplicam-se a nomes e adjetivos, mas também a alguns demonstrativos e artigos, elementos gramaticais que não envolvem categorizadores. Assim, a propriedade de pertencer a uma dessas classes não depende de uma marcação idiossincrática das categorias lexicais, e isso é esperado se os diacríticos não são propriedade dos nós de raiz, mas dos itens de Vocabulário que os realizam.

4 DIACRÍTICOS DE GÊNERO

Quando analisa as classes formais do Português Brasileiro (PB), Alcântara (2010) propõe que a informação de gênero, por ser arbitrária, isto é, não dependente de uma vogal temática específica (*o menino* vs. *a menina*, mas *o aroma* vs. *a tribo*), precisa ser especificada na entrada vocabular como um traço idiossincrático. Assumindo que o gênero marcado é o feminino, raízes que virão a ser masculinas não portariam um diacrítico de gênero, pois cairiam no *default*. É a raiz que vem a ser feminina que possui um diacrítico *f* – instrução para ser inserido o morfema /a/, de feminino.

Se levamos as conclusões de Acquaviva (2009) às últimas consequências, não só diacríticos que codificam classe seriam dispensáveis, mas também diacríticos que especificam gênero. Essa proposta é apresentada a seguir com Resende e Santana (2019).

5 A ADIACRITICIDADE DE GÊNERO

Explorando o gênero no PB, Resende e Santana (2019) fizeram um levantamento de dados que demonstrou a aparente impossibilidade de formar pares de nomes ou de verbos que têm a mesma raiz e diferem apenas quanto à classe formal, sem que, no caso dos nomes, haja mudança do valor de gênero também. Como demonstrado em (4) abaixo, quando o gênero é o mesmo mas a vogal temática é diferente, há uma mudança drástica de significado que indica diferentes raízes.

- (4) a. leite_{MASC} – leito_{MASC}
 b. mente_{FEM} – menta_{FEM}
 c. ponte_{FEM} – ponta_{FEM}
 d. saque_{MASC} – saco_{MASC}

Quanto aos verbos, (5) ilustra que uma mesma raiz só pode pertencer a uma classe conjugacional, isto é, há uma relação de um para um, visto que a mudança de conjugação muda drasticamente o significado, o que, novamente, indica a existência de duas raízes diferentes.

- (5)
- a. $\sqrt{\text{pod+ar}} - \sqrt{\text{pod+er}}$
 - b. $\sqrt{\text{fal+ar}} - \sqrt{\text{fal+ir}}$
 - c. $\sqrt{\text{consum+ar}} - \sqrt{\text{consum+ir}}$
 - d. $\sqrt{\text{fund+ar}} - \sqrt{\text{fund+ir}}$
 - e. $\sqrt{\text{sent+ar}} - \sqrt{\text{sent+ir}}$
 - f. $\sqrt{\text{par+ar}} - \sqrt{\text{par+ir}}$
 - g. $\sqrt{\text{cobr+ar}} - \sqrt{\text{cobr+ir}}$
 - h. $\sqrt{\text{vend+ar}} - \sqrt{\text{vend+er}}$
 - i. $\sqrt{\text{ceg+ar}} - \sqrt{\text{seg+uir}}$
 - j. $\sqrt{\text{ger+ar}} - \sqrt{\text{ger+ir}}$
 - k. $\sqrt{\text{do+ar}} - \sqrt{\text{do+er}}$

Ao analisar a conjuntura apresentada acima, Resende e Santana (2019) assumem que os traços de gênero estão presentes nos nominalizadores, não nas raízes, visto que nem todas as raízes aparecem em contextos com apenas um valor de gênero: $\sqrt{\text{barc}}$, por exemplo, pode receber o valor feminino ou o valor masculino de gênero, ou seja, estar associada a um nominalizador que carrega [masc] ou [fem]. As raízes são, assim, licenciadas no contexto de um nominalizador [masc], de um nominalizador [fem], ou de ambos.

Assumindo também, como Acquaviva (2009), que diacríticos de classe não estão disponíveis na sintaxe, pois estão nos itens de Vocabulário e não nas raízes, Resende e Santana (2019) argumentam que a mesma raiz associada a diferentes vogais temáticas só poderá ter diferentes interpretações se as informações computáveis em LF — nesse caso, gênero — também forem diferentes. Na próxima seção, exploramos a hipótese de que raízes também não portam traços de (c-)seleção, sendo os categorizadores os que carregam essa informação.

6 UM POUCO SOBRE C-SELEÇÃO: UM TRAÇO DAS RAÍZES?

Uma propriedade que precisa ser vislumbrada na sintaxe estreita é a seleção categorial das raízes, uma vez que tal relação envolve licenciamento de Caso, para citar uma propriedade sintática. Por exemplo, a raiz $\sqrt{\text{com}}$, caso seja categorizada como adjetivo, não atribui Caso, diferente de quando a mesma raiz é concatenada com um verbalizador, como no contraste entre *João é comilão* e *João come carne*. No melhor dos cenários, deveria haver um item para cada complemento, como *v telefonar* e o PP *para*. Porém, sabe-se que esse não é o caso, as línguas possuem múltipla c-seleção, havendo o mesmo *v comprar* disponível para um PP *para a Maria*, um DP *o bolo*. Merchant (2019), por exemplo, nota que a mesma raiz também está disponível para diferentes complementos. É o caso de *pride* 'orgulho' do inglês:

- (6)
- a. Her pride in/*on/*of her thoroughness is understandable.
 - b. She prides herself on/*in/*of her thoroughness.
 - c. She is proud of/*on/*in her thoroughness.

Em vez de associar o correto complemento à raiz, Merchant (2019) propõe que, na realidade, a c-seleção estaria disponível para o categorizador. Assim, o categorizador viria com duas

informações, uma que marca com qual raiz esse categorizador vai figurar e outra que diz respeito a qual tipo de complemento aquela raiz pode se concatenar. No caso acima, para (6c), por exemplo, a gramaticalidade da sentença é derivada pela correta concatenação da raiz com um categorizador *a* (adjetival) que, por sua vez, seleciona uma preposição *of*, mas não um categorizador *a* que seleciona uma preposição *on*, o mesmo valendo para os outros casos. Essa seleção categorial disponível pelo categorizador está apresentada abaixo (MERCHANT, 2019, p. 332):

$$\begin{array}{l}
 (7) \quad N_{in} \quad \begin{array}{l} \text{CAT [N]} \\ \text{SEL [<\{.\sqrt{\text{PRD}}, .\sqrt{\text{TRUST}}, .\sqrt{\text{FAITH}}, \dots\}, .in>]} \end{array} \\
 \\
 V_{on} \quad \left[\begin{array}{l} \text{CAT [V]} \\ \text{SEL [<\{.\sqrt{\text{PRD}}, .\sqrt{\text{RELI}}, \dots\}, .on>]} \end{array} \right] \\
 \\
 A_{of} \quad \left[\begin{array}{l} \text{CAT [A]} \\ \text{SEL [<\{.\sqrt{\text{PRD}}, .\sqrt{\text{DESIR}}, \dots\}, .of>]} \end{array} \right]
 \end{array}$$

Dessa forma, pelo fato de a c-seleção ser sensível à categoria do selecionador, Merchant (2009) sugere que são os núcleos categorizadores que têm traços seletivos, deixando uma propriedade até então destinada às raízes para categorizadores. Em última instância, pelo menos no que tange ao complemento projetado, as raízes também careceriam de traços de c-seleção, traços intrinsecamente sintáticos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a discussão feita por Acquaviva (2009) dos problemas conceituais e empíricos criados pela marcação de diacríticos nas raízes (nos nós de raiz) cria a demanda por análises alternativas dos diacríticos mais investigados: os de classe e os de gênero. Para os de classe, vimos que a divisão crucial entre nós de raiz e os itens de Vocabulário de raiz cria a possibilidade de as marcas de classe estarem presentes nos últimos – ausentes, portanto, da sintaxe e sem efeitos em LF (o que explica a ausência de concordância sintática envolvendo tais marcas, assim como a ausência de sua seleção por outros núcleos).

Vale lembrar que na proposta de Oltra-Massuet (1999), vogais temáticas são tratadas como sem relevância semântica, tanto que são inseridas pós-sintaticamente – cumprem, portanto, uma condição de boa formação (*estritamente*) morfológica. Essa proposta, juntamente com a proposta de que os traços de gênero estão nos nominalizadores, possibilita uma análise como a de Resende e Santana (2019) para o comportamento de vogais temáticas nos verbos, além de gênero nos nomes do PB. Estando nos nominalizadores, presentes na sintaxe, os traços de gênero têm efeitos em LF, diferentemente dos traços de classe. Em suma, tratar como diacríticos de raiz informações que codificam classe e gênero parece, no atual momento da teoria, dispensável. Além disso, a existência de diacríticos e traços de c-seleção nas raízes cria margem para que o primitivo da morfologia seja uma raiz com informações prévias, o que muito se assemelha ao primitivo que motivou a existência do modelo da MD: os itens lexicais.

REFERÊNCIAS

ACQUAVIVA, Paolo. Roots and lexicality in Distributed Morphology. In: GALANI, Alexandra; REDINGER, Daniel; YEO, Norman (ed.). *YPL2, v. 10 – York Essex Morphology Meeting*. University of York, 2009.

ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 5-15, 2010.

BASSANI, Indaia; LUNGUINHO, Marcus Vinicius. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. Porto Alegre, edição especial, n. 5, p. 1-29, 2011.

EMBICK, David. Voice asymmetries and the syntax/morphology interface. *MIT Working papers in Linguistics*, Cambridge, v. 32, p. 41-72, 1997.

EMBICK, David; HALLE, Morris. On the Status of Stems in Morphological Theory. In: GEERTS, T.; JACOBS, H. (ed.). *Proceedings of Going Romance 2003*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins. p. 58-59, 2005.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. In: CARNIE, A; HARLEY, H. (ed.). *MIT Working Papers in Linguistics 21: Papers on phonology and morphology*. Cambridge: MITWPL, p. 275-288, 1994.

HARRIS, James. The Syntax and Morphology of Class Marker Suppression in Spanish. In: ZAGONA, K. (ed.). *Grammatical Theory and Romance Languages*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins. p. 99-122, 1996.

HARRIS, James. Nasal depalatalization no, morphological well-formedness si: the structure of Spanish word classes. *MIT Working papers in Linguistics*. Cambridge, v. 33, p. 47-82, 1999.

MERCHANT, Jason. Roots don't select, categorial heads do: lexical-selection of PPs may vary by category. *The Linguistic Review*. Berlim, v. 36, n. 3, p. 325-341, 2019.

OLTRA-MASSUET, Isabel. *On the notion of theme vowel: a new approach to Catalan verbal morphology*. 1999. 89f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Cambridge.

RESENDE, Maurício; SANTANA, Beatriz Pires. A relação entre raízes, gênero, classe e significado. *Revista da Abralín*, v.18, n. 1, p. 2-55, 2019.

RESENDE, Maurício. *Morfologia Distribuída e as peças da nominalização: morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 2020.

SANTANA, Beatriz Pires. *Morfologia Ornamental: as vogais temáticas do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, 2019.

Squib recebido em 18 de outubro de 2021.
Squib aceito em 17 de fevereiro de 2022.